

Apontamentos sobre Métodos de Pesquisa em Políticas de Comunicação¹

Elen Geraldês²

Janara Sousa³

Resumo

Este artigo analisa os procedimentos metodológicos adotados em 196 artigos apresentados no Grupo de Pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação da Intercom, no período de 2000 a 2010. Fundamentando-se no método exploratório, aponta pistas sobre as opções metodológicas adotadas no *corpus*. Identifica a inconsciência metodológica como uma característica fundamental. Discute a utilização da revisão bibliográfica, dos métodos histórico e comparativo, do estudo de caso e da entrevista. Aponta a produção relativamente pequena de análises discursivas e de estudos quantitativos e a importância da análise documental. Por fim, recomenda que os pesquisadores do GP aprofundem-se em técnicas e métodos de pesquisa, elucidem seus caminhos metodológicos e busquem a realização de trabalhos conjuntos para fortalecimento de sua identidade institucional.

Palavras-chave

GP Políticas e Estratégias de Comunicação; Intercom; Metodologia; Métodos e técnicas de pesquisa; Inconsciência metodológica

Uma breve palavra sobre método

Na história da ciência, o método é um dos pilares fundamentais. Sua dimensão é tão importante que para alguns estudiosos ele é um ponto de chegada, não apenas um ponto de partida. Pode-se atribuir o imenso sucesso da ciência em compartilhar e reproduzir os seus resultados também, ou principalmente, ao seu método.

O método científico, em uma leitura positivista, confere legitimidade à ciência, diferenciando-a de outros saberes, como o religioso, o artístico, o do senso comum. Em uma visão menos ufanista e vitoriosa da ciência, considera-se que na constituição das áreas científicas surgem vários métodos, cuja elaboração, escolha e utilização trazem impactos para a produção do conhecimento. Nesta visão, o método está ligado à identidade de um campo de pesquisa.

¹ Trabalho apresentado ao GP Políticas e Estratégias de Comunicação da Intercom, Foz do Iguaçu, 2014.

² Docente da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (elenger@ig.com.br).

³ Docente da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (janara.sousa@gmail.com)

As ciências da comunicação são caracterizadas por sua grande juventude e por suas fronteiras fluidas. Em nome da interdisciplinaridade, em decorrência de seus objetos complexos, a comunicação dialoga com outras ciências, absorvendo, muitas vezes, os conceitos e as teorias advindos dessas outras áreas. Muitas conquistas e aprendizados advêm desses encontros, mas também muitos questionamentos e perplexidades. De que forma se constituem essas trocas? O que a Comunicação oferece e recebe nessas relações? Podemos problematizar, com Luis Mauro Martino:

A articulação dialógica com outras áreas não é em si um indicio de fragilidade, mas é possível observar um direcionamento em termos de dependência. E seria o caso de perguntar, embora a resposta ultrapasse os limites deste texto, em que medida é possível falar de “diálogo”: se a área de Comunicação utiliza conceitos de outras áreas, de qual modo, se a Filosofia, Sociologia ou Política aplicam conceitos oriundos da área de Comunicação? Existem, aliás, conceitos da área de Comunicação que possam ser apreendidos em outras áreas? (MARTINO, 2014, p.5)

Mas a resposta para essas questões epistemológicas pode ser também metodológica. A escolha de um método costuma atender a três requisitos: às exigências de um objeto, já que determinados procedimentos metodológicos permitem responder com mais assertividade, rapidez e economia de esforços a determinados problemas; à experiência e familiaridade do pesquisador com determinado método, pois a atividade científica envolve alguma escolha ou volição e, por fim, às tradições da área de pesquisa. Determinada área, e determinadas linhas de pesquisa dentro de uma área, caracterizam-se pelos métodos que estimulam, permitem ou até pelos que proíbem ou interditam. Mostre-me os métodos que utiliza e eu direi quem és.

Neste artigo, iremos analisar as opções metodológicas presentes nos artigos apresentados no Grupo de Pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação da Intercom, no período de 2000-2010, cuja ementa é:

Estudo e pesquisa do fenômeno social da Comunicação, tendo como referências teóricas críticas fundamentais a economia política das comunicações, o espaço público e as indústrias culturais. Trata-se de abordagem multidisciplinar, a partir da qual se busca uma melhor compreensão das relações sociais, principalmente as relações de poder, que constituem a produção, distribuição, consumo e regulação de recursos da comunicação e da cultura. O objetivo último é a proposição de alternativas democráticas para as comunicações. (BRITTES, 2011, p.3)

A escolha do período atendeu a dois critérios: o acesso aos documentos, que antes de 2000 estava dificultado, e o interesse em fechar um ciclo, considerando-se uma década. Além do mais, este artigo inspira-se fortemente no desenvolvido por Brittes e Silveira

(2011), que analisaram a identidade do GP Políticas e Estratégias de Comunicação, por meio de suas opções temáticas, dentro do mesmo período.

Três motivos justificam a escolha do tema: a escassez de bibliografia sobre metodologia aplicada à Comunicação e, em especial, a uma linha de pesquisa como a de Políticas de Comunicação; a importância da metodologia científica para a ciência, de forma geral e para a comunicação em especial, e a possibilidade de compreender melhor os estudos dessa linha a partir de suas preferências metodológicas.

Adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: no primeiro momento, realizamos uma revisão bibliográfica sobre métodos e técnicas de pesquisa em comunicação para conseguirmos compreender e analisar os limites e as possibilidades das opções de cada texto. Em seguida, realizamos uma leitura do corpus selecionado associada ao método exploratório, assim definido:

Os estudos exploratórios têm, fundamentalmente, o objetivo de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, visando à formulação de problemas mais precisos e hipóteses pesquisáveis pra estudos posteriores. Baseiam-se na pressuposição de que pelo uso de procedimentos relativamente sistemáticos pode-se compreender melhor o campo de um fenômeno a respeito do qual se conhece pouco, devido ao seu caráter desviante ou à sua novidade, isto é, à falta de outros estudos sobre ele. (GOULART, 1998, p.3)

Dessa forma, por este método, são elencadas as percepções do pesquisador diante do objeto fundamentadas em um arcabouço teórico. Não se busca a produção de estatísticas ou conclusões fechadas, mas o encontro de pistas e pegadas para a compreensão da temática proposta.

Vamos iniciar com uma primeira pergunta aos artigos lidos; os métodos estão explícitos? Eles são nomeados, explicados e justificados?

a) Silêncio metodológico ou inconsciência metodológica

Um primeiro olhar no *corpus* mostra que o aspecto metodológico predominante é a ausência de referências aos métodos escolhidos. Fala-se pouco de metodologia nos textos, embora eles contenham opções metodológicas e até certa diversidade de técnicas de pesquisa.

Há três suposições para este silêncio. Uma delas é a pouca importância de se discutir e pesquisar metodologias em comunicação. Contraditoriamente, esta é uma área que, conforme apontado anteriormente, passa por uma frequente crise epistemológica e por uma contínua necessidade de afirmar a sua cientificidade; no entanto, as teorias acabam adquirindo maior importância que a metodologia em sua produção científica.

Outra possibilidade é a naturalização dos procedimentos ou opções metodológicos. Os pesquisadores da área julgariam, dessa forma, que não é importante justificar suas escolhas metodológicas porque elas são autojustificáveis. O risco maior desse pensamento é que ele elimina a problematização. As entrevistas, por exemplo, podem ser vistas exclusivamente como uma forma “neutra” de adquirir informações. Uma pesquisa que utiliza entrevistas como seu principal recurso metodológico pode ser prejudicada porque essa técnica ou é mal-executada – já que não houve treino para aplicá-la – ou é considerada precisa, exata, “verdadeira”.

Por fim, o silêncio metodológico pode revelar um desconhecimento dos pesquisadores da área, cujo treinamento e socialização foram voltados para outros aspectos, como a teoria ou a produção textual, por exemplo. A metodologia apareceria, neste caso, apenas como uma obrigação dos textos acadêmicos, que pouco ou nada acrescenta à prática científica.

Uma forma de romper com o silêncio metodológico é trazer à tona a forma como as pesquisas são executadas em comunicação. No caso de pesquisas de Políticas de Comunicação, cujos estudiosos muitas vezes têm uma tradição de militância e de luta pela transformação social, afirmar a cientificidade é uma necessidade ainda mais premente. Dessa forma, deve-se valorizar a discussão metodológica como aspecto importante para dar legitimidade aos estudos e como traço de formação de futuros pesquisadores, que podem repetir os passos dos que os precederam.

b) A força das revisões bibliográficas

Em muitos artigos analisados cuja palavra metodologia nem sequer é citada, há um procedimento prevalente, a revisão bibliográfica. Ora, há os que defendem que todo estudo científico envolve uma revisão bibliográfica, o que a torna um elemento fundador da Ciência, uma etapa fundamental e recorrente, e não especificamente uma técnica de pesquisa. Como afirma:

A produção de um trabalho científico, como se sabe, tem como ponto focal o estabelecimento dos objetivos de pesquisa. São os objetivos que determinam o posicionamento inicial do pesquisador. Estabelecidos os objetivos é forçoso reconhecer o aspecto cumulativo do conhecimento científico, ou seja, é necessário tomar como base os avanços já realizados e, por que não, as limitações dos estudos anteriormente dedicados ao tema. Por esta razão é quase impossível pensar uma monografia, uma dissertação, uma tese ou outro trabalho acadêmico ou científico sem a necessária revisão de literatura. (MOREIRA, 2004, p.22)

No entanto, defendemos que a revisão bibliográfica é uma técnica que envolve opções, tem limites e possibilidades e implica riscos. Compreendê-la e discuti-la como técnica é revelar essas escolhas, problematizá-las e dimensionar seu impacto para os resultados do

estudo. Bento (2012) aponta cinco atribuições à revisão bibliográfica: determinar o problema de pesquisa; identificar novas linhas de pesquisa, mostrando as áreas pouco exploradas e a possibilidade de uma abordagem original de temas muito "batidos"; evitar abordagens infrutíferas, ao apontar estudos cujos resultados foram limitados; ganhar perspectivas metodológicas por meio de exemplos de pesquisas já realizadas e identificar recomendações e sugestões para estudos futuros.

Uma das opções envolvidas na revisão bibliográfica é o recorte dessa revisão. Por onde começá-la? Quais os procedimentos para realizá-la? Qual a dimensão histórica envolvida? Um estudo sobre a concentração dos meios de comunicação no país, por exemplo, é precedido por uma tradição de pesquisa consistente. O pesquisador deve resgatar, classificar e analisar toda essa produção? Nesse caso, ele não perderá tempo e energia que poderiam ser voltados para o trabalho atual?

Um conceito importante para auxiliar o pesquisador é o do estado da arte. Sem saber em que "pé" estão os estudos sobre determinado tema, pode-se gastar esforços desnecessários com hipóteses que já foram anteriormente rejeitadas e descartadas, e contradizer um dos fundamentos da ciência, a sua continuidade. Os historiadores da ciência enfatizam que os pesquisadores, à medida que um campo científico se institucionaliza, veem-se e são vistos como pertencentes a um coletivo de estudiosos, cujos esforços individuais ampliam a compreensão sobre determinado objeto. Ao resgatar o estado da arte em determinado tema, cada produção científica tenta se inserir em uma tradição precedente.

A revisão bibliográfica também deve se voltar para o levantamento conceitual. Como os conceitos que fundamentam a questão-problema ou que permitem construir e desconstruir o objeto foram formulados? Há ausências conceituais que precisam ser preenchidas?

A falta de esforço e a banalização em construir um estado da arte consistente podem afetar os resultados de determinada pesquisa. É importante valorizar essa etapa do trabalho científico, esclarecendo os leitores de que forma ela foi realizada e utilizando os recursos tecnológicos hoje disponíveis para ampliar o contato do pesquisador com outros trabalhos de mesma temática, mesmo os que foram produzidos com uma distância temporal ou geográfica.

Com o material em mão, haverá outras escolhas. Por exemplo, livros e artigos podem contribuir da mesma forma para a revisão bibliográfica? Devem ser valorizados de forma mais intensa os trabalhos mais recentes? O que torna uma pesquisa anterior datada ou obsoleta?

c) Método histórico: além do era uma vez...

No universo de artigos analisados, foi recorrente a necessidade de contar uma histórica, de resgatar momentos importantes das políticas de comunicação, de dar uma dimensão das mudanças temporais ocorridas. No entanto, novamente os autores impregnam-se de uma inconsciência metodológica, pois nem sequer nomeiam o método adotado, o histórico.

Os artigos que utilizam o método histórico em geral não problematizam este método, não enxergam as suas especificidades, as suas dificuldades, os seus limites, os seus riscos. Seguir uma ordem cronológica e linear, fundamentada na premissa de evolução, pode deixar de lado os recuos, os retrocessos, os saltos das mudanças políticas, fundamentais para compreender a complexidade do objeto.

Para a utilização do método histórico, é importante que o pesquisador identifique o fio condutor adotado. Se a opção for o materialismo histórico, a dimensão do conflito e das contradições é fundamental, em vez da linearidade e da adoção acrítica dos marcos temporais. Com um fio condutor, o autor abre mão de alguns acontecimentos e destaca outros, em um jogo claro com seus interlocutores. A tentativa de totalidade é deixada de lado, substituída por uma leitura possível de um momento histórico, a partir de um olhar, de um ponto de vista.

Ao discutir a utilização da reconstrução histórica por pesquisadores de comunicação, Romancini (2007) faz as seguintes recomendações: a de que o pesquisador deixe explícitas as suas fontes, revele os pressupostos que orientaram a coleta de dados e aponte o arcabouço conceitual no qual a análise se fundamentou, para permitir que outros estudiosos questionem o material produzido. Tais cuidados, segundo o autor, permitiriam ir além do “descricionismo” do fato histórico, muito recorrente em um olhar do senso comum e do jornalismo.

d) Método comparativo ou estudo de caso: peras, maçãs, ganhos e perdas

Estudos anteriores (Geraldine e Sousa, 2013) mostram a importância do método comparativo para a pesquisa em Políticas de Comunicação. De fato, o pesquisador desta linha frequentemente se defronta com algumas dificuldades, como a necessidade de se debruçar sobre legislações diversas e aspectos técnicos distantes de sua formação original. Suas respostas, frequentemente, devem ter a agudeza exigida de quem dialoga com demandas sociais e políticas públicas. A comparação com experiências anteriores pode trazer segurança nessas situações de risco.

No entanto, faz-se necessário esclarecer o que comparar e por que comparar. Diante da indagação sobre o que comparar, já que fenômenos sociais são frequentemente singulares e irredutíveis, pesquisadores como Sartori (1994) ensinam que ao afirmar a incomparabilidade de peras e maçãs, por exemplo, já estamos comparando. Há um ganho cognitivo na comparação, ela dá à luz as diferenças e semelhanças e torna mais evidentes as especificidades e recorrências. No entanto, as comparações só têm sentido, em nossa área do conhecimento, quando dialogarem fortemente com o contexto histórico. Afinal, sem esse contexto, quaisquer analogias ficam presas no idealismo e na imaterialidade.

Outro risco desse método é tornar a descrição a culminação e o encerramento do processo científico, em vez de uma etapa de sua realização. A descrição de cada aspecto comparado deve ser sucedida por uma análise das diferenças e semelhanças, remetendo, como já vimos, ao contexto histórico e ao aporte teórico.

Um contraponto recorrente ao método comparativo, muito presente em nosso *corpus*, é o estudo de caso. Afinal, se trabalhamos com a singularidade dos fenômenos por que não resgatar cada caso isoladamente, conferindo-lhe atenção exclusiva, especial? Um dos riscos desse método, novamente não problematizado por nossos autores, é a falsa sensação de totalidade.

Como afirmam Goode e Hatt:

...um perigo básico no seu uso é a resposta do pesquisador ... que chega a ter a sensação de certeza sobre as suas próprias conclusões. Cada caso assume dimensões completas na mente do pesquisador. Ele passa a sentir-se seguro de poder responder muito maior número de questões do que poderia fazer somente com os dados registrados...o resultado, naturalmente, é uma grande tentação de extrapolar, sem garantia. (GOODE e HATT, 1969, p.27)

Um dos especialistas no tema, Yin (1969), costuma poupar este método de críticas mais duras, mas não os pesquisadores que o realizam. Segundo ele, é frequente o descuido, a generalização excessiva, a falta de clareza nos procedimentos. Talvez essas críticas se situem em um olhar das ciências ditas exatas para as humanas e sociais, em que a impossibilidade de se estabelecer regras ou leis seja vista como uma deficiência, carência ou ainda falta de cientificidade.

No entanto, assinalamos que o excesso de estudos de caso isolados e que não se relacionam aos subsequentes pode conferir um caráter fragmentário e interrupto às atividades do grupo e fragilizar a sua constituição como um coletivo de estudiosos de políticas de comunicação.

e) Entrevistas e os diálogos impossíveis

Uma técnica frequentemente utilizada em nosso *corpus* é a da entrevista. Afinal, a pesquisa em Políticas de Comunicação frequentemente lida com o tempo presente, nem sempre dispõe de material bibliográfico sobre o tema e necessita de depoimentos para ilustrar, esclarecer, confirmar ou rejeitar suposições. São entrevistados burocratas, produtores culturais, políticos, o público de forma geral etc. A importância dessa técnica para a linha, portanto, está associada ao dinamismo de nossos objetos, que frequentemente estão em construção e não podem depender exclusivamente da consulta a dados secundários.

Há muitos tipos de entrevistas que envolvem diversas especificidades. No entanto, em todas elas é necessário explicitar o local de fala do entrevistado, seus interesses e motivações, sua vinculação institucional. Considerar este local de fala na análise dos resultados é fundamental para perceber faltas, vieses, desvios.

A relação entre entrevistador e entrevistado também deve merecer atenção. O instrumento – seja nas entrevistas abertas ou fechadas – pode-se voltar com muita força contra o seu autor, se não for produzido e aplicado cuidadosamente e envolver um movimento contínuo de análise e avaliação.

f) Ausências (pres)entidas

Como ausências, apontamos as análises de discurso e os estudos de linguagem, fortemente presentes nos estudos de comunicação, mas pouco frequentes no *corpus* de pesquisa. A principal razão provavelmente é a diferença que a linha de Políticas de Comunicação estabelece entre mudanças discursivas e práticas sociais. Uma emissora, por exemplo, pode adotar um discurso de combate ao racismo, utilizar termos politicamente corretos para abordar a questão racial, mas continuar a limitar o número de repórteres negros em seus noticiários e de protagonistas negros em suas telenovelas.

A análise documental – sobretudo a análise de legislações – é uma importante característica da área. Faltam, muitas vezes, organicidade e sistematização, inclusive porque há pouca produção científica sobre análise documental, que frequentemente é abordada como uma análise de conteúdo similar a qualquer outra.

Por fim, também assinalamos a escassez de estudos quantitativos, longitudinais, realizados em longo prazo e advindos da parceria de vários pesquisadores. Colaboram para essa ausência a falta de tradição de estudos quantitativos de comunicação, os custos e a necessidade de institucionalização desses trabalhos e a ausência de uma visão constitutiva e intrínseca de grupo.

Considerações finais

Neste artigo, utilizamos o método exploratório, que permite um olhar abrangente sobre o objeto, sem se preocupar com intensidade e frequência, mas em busca de pistas para serem aprofundadas posteriormente. Nosso *corpus* de trabalho constituiu-se de 196 artigos apresentados no GP de Políticas e Estratégias de Comunicação da Intercom, e entender como este grupo pesquisa é, em última instância, contribui para o seu fortalecimento e organicidade.

Alguns apontamentos foram elaborados a partir do encontro dos pesquisadores com o objeto. Constatamos a frequente inconsciência metodológica nos/dos artigos produzidos, expressa em um silêncio sobre o método. Os textos trazem, com frequência, revisões bibliográficas cujos procedimentos de seleção dos textos envolvidos não foram delimitados ou explicitados.

Os resgates históricos presentes no material observado não costumam se referir a um “método histórico”. O contar a história de um fenômeno é frequentemente um exercício de linearidade. Não se discute o fio condutor adotado.

O método comparativo nem sempre fica bem “amarrado”, já que frequentemente são comparados objeto muito diferentes, que dialogam pouco entre si. Após a descrição de cada um deles, o momento de comparação fica esvaziado.

A opção pelo estudo de caso é fragilizada, pois o objeto se torna isolado, específico demais, irredutível ao diálogo com outras situações. O objeto, muitas vezes, vira um objeto pessoal, de autoria, que atende às demandas específicas daquele pesquisador.

As entrevistas aparecem com frequência, mas nem sempre definem o local de fala do entrevistado ou apreendem a tensão entre entrevistador e fonte. Não há grande problematização sobre o instrumento utilizado.

No artigo que inspirou fortemente este, Brittes e Silveira (2011) concluem que na tradição temática deste Grupo de Pesquisa, destaca-se a pulverização, a fragmentação, a falta de continuidade. A autora refere-se a um “palco” em que são apresentados *papers*. Acreditamos que a fragilidade e a inconsciência metodológica fazem parte deste desempenho, e, para modificá-lo, torna-se indispensável que os pesquisadores e pesquisadoras conheçam mais sobre o próprio ofício, informando-se sobre métodos e técnicas; que compartilhem com os demais o seu caminho metodológico, e ousem propor trabalhos conjuntos, planejados de antemão. O método, dessa forma, revelará nossa identidade e não somente a solidão de nossa produção.

Referências

- BENTO, A.V. Como fazer uma revisão da literatura: considerações teóricas e práticas. **Revista JA, Associação Acadêmica da Universidade da Madeira**, Madeira, v. 7, p. 42-44, 2012.
- BRITTES, J.; SILVEIRA, B. Identidade teórica dos estudos em Políticas e Estratégias de Comunicação, no âmbito da Intercom. **Intercom**: Recife, 2011
- GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em Pesquisa Social**. 3ªed., São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.
- MARTINO, L.M.S. Trilhas da investigação epistemológica: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós. **Compós**: Belém, 2014.
- MOREIRA, W. Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, Lorena, v.1, p. 21-40, 2004.
- ROMANCINI, R.; LAGO, C. **História do Jornalismo no Brasil**. São Paulo: Insular, 2007.
- SARTORI, G. Comparación y método comparativo. In: SARTORI, G.; MORLINO, L. (Comp.) **La comparación en las ciencias sociales**. Madrid: Alianza Editorial, 1994.
- YIN, Robert K. **Case Study Research - Design and Methods**. New York Sage Publications Inc., 1989.